

## **JOÃO PINHARANDA + JOANA VILLAVERDE para Construção**

TEXTOS PARA CATÁLOGO “CONTINUAÇÃO #4” Sociedade

Nacional de Belas Artes

4 de Abril-10 de Maio 2003

Exposição de Joana Villaverde

... a identidade dos 120 rostos que Joana Villaverde pintou numa grelha de imagens individuais é oferecido um jogo de reconhecimento. Em certos casos essa identidade pode revelar-se na mediatização cultural de certos protagonistas mas, em muitos outros casos, tal reconhecimento reporta-se à estrita esfera do privado.

Mas 120 rostos não significam 120 personagens. De facto, não são mais do que 30 os retratados. A sua identificação final realiza-se sempre como tarefa externa, embora para a artista haja uma profundíssima faceta interna a ter em conta. A saber: a artista aponta, com estes rostos, aquelas personalidades que foram importantes na sua formação — um processo contínuo, contraditório, que não se limita nem à infância, nem à adolescência, que não se limita ao que o passado teve de bom, que pode prosseguir ainda hoje.

Depois, Joana Villaverde inicia uma tarefa de exteriorização. É um exercício de pintura que, simultaneamente, pretende naturalizar (tornar identificável) cada rosto e desnaturalizá-lo (retirar-lhe dados de identificação imediata — os cabelos, por exemplo). É um longo processo, e difícil, de trabalho. É ele que justifica a presença de 120 pinturas para apenas 30 nomes. A artista avança por tentativas que falham e que progridem até uma satisfação final. Se reconstituirmos essa caminhada veremos que, em certa medida, ela avança não como o pintor preenche (acumula, raspa, acrescenta) de tinta uma superfície ou um

escultor desbasta um bloco de pedra mas como um barrista manipula um bloco de argila.

A imagem definitiva pode ser achada à primeira ou suceder depois de 3 ou mais etapas rejeitadas. Mas o trabalho final (a parede de pinturas que se apresenta) integra essas rejeições como parte de um diálogo pessoal e de uma reflexão interior quer sobre a habilidade de reprodução quer sobre cada área de contributo: a literatura, a música, a pintura, as emoções...

O espectador espera não enganar-se nessa caminhada (que pode fazer de trás para a frente: o indentificável pode revelar a sua matriz no inidentificável) mas que nunca a completará — quer porque lhe faltam dados culturais, quer porque lhe faltam dados familiares, quer porque o grau de identificação naturalista que é satisfatório para a artista pode não o ser para quem se situa no plano meramente externo de que falámos.

A preocupação encenatória desta parede de rostos é exactamente a da exposição dos seus erros e emendas, numa lógica de edição facímilada das páginas de um caderno onde cada uma delas é, uma e outra e ainda outra vez passada a limpo: temos assim uma espécie de diário íntimo apresentado em forma de um rascunho de vida que podemos achar não estar sequer concluído e não ser certamente completo, e onde, sob a estrita visualidade, se insinua uma densa mancha de escrita e/ou linguagem verbal.

João Lima Pinharanda

Gostava de contar um bocadinho como aconteceu este trabalho de que gosto. Há uns anos, sem atelier, sem método organizado, comecei a fazer grandes retratos das pessoas que me fizeram, que foram importantes para a minha construção. As coisas não correram bem, não fiquei contente com o resultado. Deixei de parte. Parei.

Em 2000 tive um subsídio da Fundação Calouste Gulbenkian para desenvolver o meu trabalho, telas de grandes formatos onde queria descrever quase tudo, os sentimentos, coisas boas, coisas más. Senti-me perdida, ou pelas dimensões, ou pela técnica não se adequar ao que me propunha. Ou simplesmente descobri que isso não se faz assim, faz-se aos gomos, aos bocadinhos importantes das nossas vidas.

Percebi isto enquanto descansava a fazer pequenas pinturas de caras. Aconteceu que numa delas reconheci qualquer coisa da minha avó materna, pessoa muito importante na minha vida. Tive vontade de a retratar. Fui fazendo pinturas atrás de pinturas até sentir que respeitava o seu olhar. Dela fiz umas onze pinturas. Atrás dela veio o meu pai e depois os outros todos. São trinta, podiam ser oitenta. Só sabia é que tinha que ser verdade. O meu critério foi muito simples, são pessoas que se não existissem, ou não tivessem existido, eu não seria como sou. Gostava de os ver todos juntos. Percebi que estava a refazer com sentido ou com outra consciência, o trabalho que há uns anos tinha começado e largado. Tirei-lhes o cabelo por me parecer um elemento pouco importante para o reconhecimento do olhar de quem retrato. Incluí todo o processo, todas as repetições necessárias. Acho que este trabalho é o retrato da minha construção.

Tijolo com tijolo num desenho mágico.

Joana Villaverde

